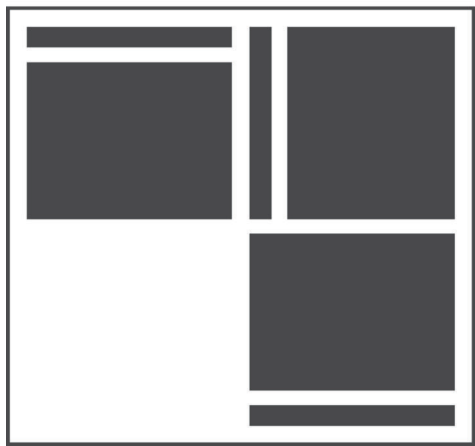




JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVII nº 128, janeiro/fevereiro — 2025



A DERRADEIRA JORNADA DE EÇA DE QUEIROZ

sôniahelenah

Desde o último dia 8 de janeiro, depois de quatro anos de uma decisão parlamentar e de muita controvérsia, Eça de Queiroz repousa no Panteão Nacional, juntamente com outros grandes escritores como Almeida Garret, Aquilino Ribeiro, Guerra Junqueiro, João de Deus e Sophia de Mello Breyner Andresen.

A cerimônia de seu traslado contou com a presença de numerosos escritores e políticos, dentre os quais o Presidente da República, o Primeiro-Ministro e o Presidente da Assembleia da República, de onde o cortejo seguiu para a igreja de Santa Engrácia.

Afonso Reis Cabral, Presidente da Fundação Eça de Queiroz, afirmou na sua fala de homenagem a Eça:

As honras de Panteão Nacional acolhem a posteridade de Eça de Queiroz, numa casa que se quer dos que permanecem no imaginário. Até dos que mudaram o imaginário colectivo como Eça certamente mudou. (.....) É sua uma ideia que ainda temos de nós mesmos: a ideia de um Portugal vizinho, isto é, um país já distante no tempo, mas que a escrita deste grande artista fez nosso.

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, para quem o “gênio de um retrato” e a “lucidez de um reparo, a ironia autoirônica, um patriotismo descontente e a nudez da verdade” tornaram Eça de Queiroz um escritor único, destacou ao discursar na cerimônia:

E quantos escritores portugueses estão tão vivos como Eça de Queiroz? Vivos porque os lemos de fato, por oposição a termos lido em tempos por dever escolar. As verdadeiras homenagens são feitas pelos milhões de leitores de Eça, que todos aqui também somos, e que muitos são por todo o mundo.

De fato, Eça de Queiroz e Machado de Assis são considerados por muitos estudiosos os

dois maiores escritores de língua portuguesa do século XIX e entre os mais importantes escritores de todos os tempos em seus países.

Nascido em Póvoa de Varzim, no dia 25 de novembro de 1845, José Maria de Eça de Queiroz era filho de José Maria Teixeira de Queiroz, nascido no Rio de Janeiro, em 1820, magistrado formado em Direito por Coimbra e procurador régio em Viana do Castelo, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção, em 1827.

Estudou no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu, aos dezesseis anos, para cursar Direito na Universidade de Coimbra. Ali fez amizade com Antero de Quental. Concluídos os estudos, em 1866, mudou-se para Lisboa, e passou a exercer a advocacia e o jornalismo. Dirigiu o periódico *O Distrito de Évora* e, entre 1878 e 1891, colaborou nas publicações *Renascença* e *A Imprensa*. Postumamente teve textos publicados na *Revista de Turismo* e na *Feira da Ladra*.

Entre o final de 1869 e o início de 1870, fez uma viagem ao Oriente, tendo assistido à inauguração do Canal de Suez, no Egito, e visitado a Síria e a Palestina. Suas notas de viagem foram fonte de inspiração para *O mistério da estrada de Sintra* e *A relíquia*.

Eça foi escritor, jornalista e diplomata. Em 1870, ingressou na Administração Pública, como Administrador do Concelho de Leiria. *O crime do Padre Amaro* (1875) foi escrito enquanto ali esteve. Em 1873, foi nomeado cônsul de Portugal em Havana, onde desempenhou papel de relevância na defesa dos direitos de imigrantes chineses de Macau que chegavam a Cuba para trabalhar em condições subumanas. Entre 1874 e 1878, exerceu atividades diplomáticas em Newcastle upon Tyne e Bristol, na Inglaterra; foi um período de grande produção literária, tendo escrito trabalhos relevantes, entre eles *A Capital*, publicado postumamente em 1925; de lá enviava, para publicação no *Diário de Notícias*, em Lisboa, as “Cartas de Inglaterra”. Começou a escrever para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1880. Em 1883, tornou-

-se sócio correspondente da Academia Real das Ciências. Em 1888, seria designado cônsul em Paris.

Aos 40 anos casou-se com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto, Antônio, José Maria e Maria.

Eça de Queiroz foi um mestre do realismo. Irônico, crítico do moralismo vigente, do Estado, do clero e das hipocrisias sociais. De maneira séria e consciente, foi muitas vezes um transgressor das convenções e costumes e um severo questionador da inoperância e frouxidão dos poderes. Soube como poucos traçar um retrato crítico da sociedade de seu tempo. A riqueza do estilo, a originalidade, a verve, a precisão da linguagem, a escolha certa das palavras, sem nenhuma que falte ou pareça excessiva, despertou a admiração e respeito em muitos e reconhecidos escritores de vários lugares. *O crime do Padre Amaro*, *O primo Basílio*, *Os Maias*, *A relíquia* e *A ilustre casa de Ramires* estão entre as suas obras mais conhecidas.

Eça faleceu no dia 16 de agosto de 1900, em Neuilly-sur-Seine, na França. Seu corpo foi trasladado para Lisboa, onde mereceu um cortejo com honras de Estado e foi sepultado no jazigo dos condes de Resende. Em 1989, foi levado a Baião, onde esteve sepultado até recentemente. Em 2021, a Assembleia da República de Portugal aprovou por unanimidade uma proposta do Partido Socialista para “conceder honras de Panteão Nacional aos restos mortais de José Maria Eça de Queiroz, em reconhecimento e homenagem pela obra literária ímpar e determinante na história da literatura portuguesa”.

A trasladação prevista para setembro de 2023, não ocorreu devido a uma Providência Cautelar para a impedir, interposta por uma minoria dos bisnetos de Eça. O Supremo Tribunal Administrativo rejeitou, em 2024, na ação principal, o pedido dos bisnetos, o que permitiu a Eça sua jornada derradeira rumo ao Panteão Nacional no último dia 8 de janeiro.

POEMAS DE FLÁVIO R. KOTHE

SOBRE OS PÍNCAROS NO ESTIGE

Über allen Gipfeln herrscht Ruhe
A paz impera sobre todos os píncaros
Dizia Goethe, o poeta que foi ministro
E bem sabia como ficar no poder.
Não existe apenas paz nos píncaros
De quem reside em palácios reais.

Meu voo segue agora sobre nuvens
A lua cheia ilumina ondas de algodão
Que se estendem pelos campos do céu;
Vejo a lua mergulhada nas névoas
Vejo as luzes de cidades e vilas
Permeando nuvens que entre nós estão.

Por duas horas ficamos parados
No aeroporto de Porto Alegre
Descarregaram pacotes e malas
Para de novo tentar alçar voo
Por dentro da tempestade
Que retornava à serra gaúcha.

Enquanto íamos subindo a serra
Pensei até que iríamos cair:
O avião sacudido por rajadas
Da turbulência que havia no alto
Crianças chatas só gritavam
E o vizinho atrás alto rezava.

Não foi graças à prece, mas graças
A duas turbinas e bom querosene
Que subimos pela tempestade
E daí nos alçamos a esse alto
Bem mais elevado que os Alpes:
A paz do poder é o poder da paz.

Deslizo sozinho para o meu fim
Para ele, eu me basto, basto
Deitado no fundo do barco:
Caronte me leva no Estige
Estou onde nunca estive
Sem conseguir me mover
Margens e galhos de árvores
Se interpõem ao céu cinzento.

Mesmo os sons que longe escuto
São um mero salvo-conduto
Tudo vai ficando distante
Nada posso fazer neste instante
Não sinto mais sequer as câimbras
Que antes retesavam músculos.

Sob a língua não levo moeda:
Quando Caronte vier cobrar
Vai me jogar fora feito um fardo
Dentro das águas desse lago.

Para mim há de ser indiferente:
Não espero Campos Elísios
Nem anjos em festa no céu
Menos ainda capetas no inferno.

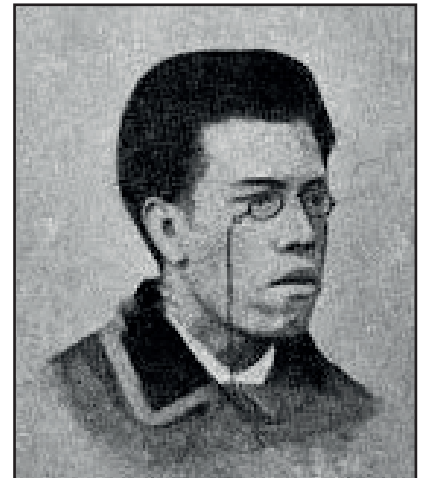
Cada um morre sozinho sua morte.

HAICAI

Carlos Viegas

Início de inverno
Chega uma chuva fininha
Junto com a noite

Soneto do Mês



QUIMERAS

Gonçalves Crespo

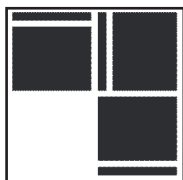
O mar já me tentou: aspirações fogosas
fizeram-me idear fantásticas viagens;
eu sonhava trazer de incógnitas paragens
notícias imortais às gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fabulosos,
um palácio escondido em múrmuras folhagens,
onde eu fosse ocultar as cândidas imagens
das virgens que evoquei por noites silenciosas.

Mas tudo isso passou: agora só me resta
das quimeras que tive, uma visão modesta,
um sonho encantador, de paz e de ventura.

É simples: uma alcova, um berço, um inocente
e uma esposa adorada, envolta, a negligente!
de um longo penteador na imaculada alvura...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolivia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 128 – janeiro / fevereiro 2025

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Revisão

Napoleão Valadares

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

AINDA ESTÃO AQUI

Max Telesca

Enquanto finalizo este artigo, Fernanda Torres acaba de ser premiada com o Globo de Ouro de Melhor Atriz em Filme Dramático. O prêmio concedido pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, considerado o segundo mais importante dos EUA, é tido como um termômetro para o Oscar e aumenta as chances da atriz brasileira na corrida pelo prêmio mais famoso, cuja performance bateu estrelas de grande e consagrado porte, como Nicole Kidman (*Babygirl*), Angelina Jolie (*Maria Callas*), Kate Winslet (*Lee*), Tilda Swinton (*O quarto ao lado*) e Pamela Anderson (*The last showgirl*), revelando um feito extraordinário para a cultura brasileira, pois tais nomes não carregam somente atuações dramáticas, mas todo o peso da indústria cinematográfica estadunidense, elevando ainda mais o significado da premiação.

Ainda não sabemos, em que pese o *New York Times* já o considere um dos possíveis ganhadores, se *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles, concorrerá ao Oscar de Melhor Filme Internacional, mas, até o momento, está pré-classificado entre os 15 concorrentes e sobram 5 indicados para a disputa do prêmio mais badalado do cinema internacional com vencedor a ser revelado no dia 2 de março de 2025. O prêmio recebido por Fernanda Torres, sem dúvida, também influencia positivamente na indicação.

Entretanto, já se pode afirmar, sem receio de equívoco, seja sob o ponto de vista da crítica, ou sob o ângulo do público, a inscrição da obra no panteão das melhores películas produzidas pelo cinema brasileiro, ao lado de grandes vencedores no plano internacional, como *O Pagador de Promessas*, *Cidade de Deus*, *Central do Brasil*, ou dos consagrados pela crítica *Terra em Transe* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha. É, técnica e artisticamente, um excepcional feito cinematográfico e a interpretação de Fernanda Torres é histórica, em contenção dramática envolvente, não sendo também nenhum exagero afirmar favoritismo à estatueta de melhor atriz, agora com a premiação do Globo de Ouro, fato que a faria ingressar na galeria das grandes atrizes do cinema mundial, não só por tais feitos, mas, também, frise-se algo que tem sido falado apenas lateralmente pela imprensa, a atriz foi ganhadora do Prêmio de

Melhor Atriz no Festival de Cannes de 1986, pela atuação no filme *Eu Sei que Vou Te Amar*, dirigido por Arnaldo Jabor.

Sobram, no entanto, prêmios e indicações já recebidos no circuito internacional nada devedoras ao Oscar em termos técnicos e artísticos, tais como as indicações ao Prêmio Bafta, da Grã-Bretanha, para Melhor Filme Estrangeiro, Goya, da Espanha, como Melhor Filme Ibero-Americano, ao Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não-Inglesa, ao Melhor Filme em Língua Estrangeira do London Critics' Circle Awards, considerado o prêmio mais prestigiado da crítica no Reino Unido e ao prêmio de melhor roteiro do Festival de Veneza de 2024, um dos mais importantes, e os aplausos lá recebidos de pé por 10 minutos de glória.

Tecer uma crítica cinematográfica à obra não é nosso objetivo com o presente artigo, nem nossa melhor *expertise*. Contudo, com sua vinda ao mundo real, especialmente em função de seu conteúdo histórico-político, é preciso prestar atenção para uma reabertura, uma coincidência e, por fim, uma necessidade.

Ocorre, sem embargo de ir adiante e trazer a obra para pano de fundo, não ser possível escrever algo digno de ser lido sem linhas cujo conteúdo não perpassa pela observação do altíssimo nível com o qual todos os grandes quesitos técnicos filmicos foram preenchidos com maestria.

Sobre essa questão, uma comparação aparentemente canhestra, mas de apreciação bastante palatável: lembrei-me de um diálogo e uma pergunta de um amigo sobre como classificar um filme como *bom* ou *ruim*. Quando do diálogo, no grupo de *whatsapp* dos bons amigos de infância, não me veio melhor argumento para aquele ambiente do que comparar uma obra cinematográfica completa com o desfile de uma escola de samba campeã. Falei, algo do gênero, para ele: “pense numa escola de samba; para ganhar o carnaval, ela precisa ter fantasias esteticamente belas, um samba-enredo, senão empolgante, bem construído tecnicamente, alegorias esfuziantes, dignas no nome, comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeiras com performance dentro das regras e um enredo e harmonia que espelhem o conjunto do projeto escrito pelo carnavalesco e executado pelos

componentes da escola, convergentes a formar um todo único.

No ponto, noutro diálogo nos últimos dias, agora já sobre o *Ainda Estou Aqui* e com uma importante autoridade sobre o assunto, a professora Tânia Montoro da UnB, pós-doutora em cinema e televisão pela UFRJ (2010) e pelo Deutsch Film Institute (2014), ela falava sobre a teoria da montagem de Eisenstein, e a necessidade de, para se fazer um bom filme, cada *frame* da película necessitar conter toda a mensagem, todo o objetivo artístico da obra, aquilo em narrativa romanesca chamado de centro do romance, como se de cada célula derivasse o conteúdo sintetizado, buscando a perfectibilização da harmonia filmica.

É o caso deste último filme de Walter Salles. Com a estética anos 1970 impregnada em todos os momentos da exibição, perceptível por meio de uma rica trilha sonora e filtros especiais lembrando a estética das fotos da época, com laranjas e vermelhos saturados ou por meio de reminiscências da melhor fase da MPB, como a capa icônica do LP *Caetano Veloso*, de 1971, feito pelo cantor no exílio. Tudo isso em elementos espalhados, aparentemente, de forma caótica, tais como o mobiliário, o jogo de pebolim nas casas da classe média alta daquela etapa brasileira, mas, harmônica e meticulosamente, colocados de modo a formar na mente do público uma ambientação perfeita e tocar seus corações com um tema liquidante: o desaparecimento do pai no auge da construção familiar.

Roteiro e montagem tensionam o espectador ao limite da angústia e não entregam, como ocorre nos grandes textos, questões importantes, como a razão imediata pela qual Rubens Paiva é preso, e cenas de grande violência, como o período no qual a protagonista é recolhida junto de uma de suas filhas para ser interrogada e torturada, são tratadas com elegância, sem esbarrar no melodrama ou no sensacionalismo.

A atuação hipnótica de Fernanda Torres é, sem dúvida, o carro-chefe da obra, e uma cena sintetiza o primor da construção, a objetividade enxuta do texto do roteirista e a exímia

Continuação na página 4

direção: o momento da sorveteria, quando a família se reúne sem o pai, já desaparecido. O olhar da protagonista percorre as demais mesas, com casais e famílias completas e a dela, com uma imaginária cadeira vazia, demonstrando a definitividade da perda, é um contundente soco no estômago do espectador.

Algumas opiniões entenderam o filme como não tão “engajado” ou “sem alma”, dado o peso político inerente à trama. Acerca de tal argumento, entendo, em contraposição à opinião de quem precisa de algo mais cru e explícito, esse suposto erro como a grande virtude do filme.

Tenho me colocado ao lado daqueles que entendem a *estética delicada* com a qual foi abordada a temática sombria, para usar uma feliz expressão do grande jurista Marcelo Neves em artigo recente publicado no *Diário de Pernambuco*, como uma hábil e sutil entrega do grande objetivo, desmontando tal questão, essa falsa polêmica, na verdade, pois na arte narrativa, o mais importante é saber contar uma boa história e, a partir do modo com o qual se narra, as emoções surgem, inclusive as paixões políticas e a provocação da indignação. A arte é a fagulha inicial, inclusive para atingir o público menos comprometido, pois o foco na perda familiar proporciona a consciência mediata do caráter político pavoroso da ditadura. O filme é elegante, mostra todo o horror de uma maneira contida e a buscar certa leveza. Uma leveza impossível, a tentativa da realização do paradoxo. Aí está a beleza.

Assim, a reabertura frisada anteriormente se faz portal quando da aliança entre uma temática universal – o drama familiar detonado pela perda do pai –, com uma peculiaridade local – a repressão da ditadura militar brasileira, criando-se uma obra de arte apta a colocar, novamente, o cinema brasileiro nos grandes palcos internacionais do qual está afastado há muitos anos, e, por conseguinte, a participar de um jogo cujas regras não envolvem apenas produções artísticas de qualidade impecável, mas distribuidoras internacionais e campanhas caríssimas de divulgação, com a presença física dos atores principais e do diretor nos eventos internacionais em um périplo intenso nos EUA e Europa.

Sobre a coincidência, é preciso observar o entrelaçamento do momento histórico vivido atualmente com a época na qual se passa a película. O título “Ainda Estou Aqui” revela uma ambiguidade: estava ainda ali, para a família e para o escritor Marcelo, a figura do pai Rubens Paiva, enquanto sua morte não era totalmente

decifrada? Ou estaria o fantasma da ditadura militar ainda presente entre nós, agora, no tempo atual?

É duro ter de admitir uma realidade tão nefasta e uma ingenuidade histórica: mesmo com o espaço de 40 anos do término do regime ditatorial iniciado em 1964, é necessário reconhecer a inexistência da consolidação da democracia não só no Brasil, mas também em países cujo sistema democrático parecia estar acima de tentativas de derrubá-lo, como nos EUA. A tentativa de golpe de Estado promovida por Jair Bolsonaro e uma grande parte do alto comando das Forças Armadas, após sua derrota nas urnas em 2023, revela a repetição de uma dinâmica brasileira mais enraizada do que a própria democracia e, o pior, a constatação de que, sim, eles ainda estarão aqui enquanto não formos a fundo na ferida.

Infelizmente, os últimos anos do Brasil demonstraram de forma cabal a inexistência de superação da tutela militar sobre nossa sociedade. As intervenções militares, desde o golpe fundacional da República, em 1889, se repetem ao longo da nossa história, seja a partir de uma iniciativa propriamente militar, seja por meio do conluio entre a elite política e econômica e os militares chamados, sempre, para derrubar um projeto popular, como foi com Vargas em 1954, Jango em 1961 e depois em 1964, e agora a tentativa frustrada sobre Lula, só para falar das mais importantes intervenções.

Não poderia ser diferente num país no qual grande parte da sociedade ainda reluta em admitir a própria existência da ditadura militar (1964-1985), onde algumas autoridades ainda nominam o golpe militar de 1964 como “Movimento de 1964” ou quando o próprio STF entendeu como recepcionada pela Constituição de 1988 a Lei 6.683/79 (Lei da Anistia), considerando-a compatível com o ordenamento constitucional democrático e que a anistia por ela concedida foi ampla e geral, alcançando os crimes de qualquer natureza praticados pelos agentes da repressão no período compreendido entre 2.9.61 e 15.8.79.

Essa discussão foi, obviamente, feita no início do Governo Lula, mas a escolha de José Múcio como Ministro da Defesa foi a demonstração inequívoca de não rompimento com o modelo tutelador, como se sempre fosse necessária uma licença para o exercício do poder quando um projeto popular é eleito. Sobre o ponto, a crítica é quanto ao perfil conciliador da escolha, não à figura, ademais, hábil e conveniente ao modelo de algodão entre cristais. Não é algo simples, se sabe, mas até quando deixa-

remos de enfrentar de forma firme, até quando estará aqui esse elefante escondido na sala?

Em outubro passado, estive em Santiago do Chile e levei minha família para conhecer o Museu da Memória e dos Direitos Humanos. A lembrança das atrocidades cometidas pela ditadura de Augusto Pinochet está firmemente preservada em uma estrutura de grande importância na capital chilena sem precedentes no Brasil. Mesmo com familiares conhecedores da história e progressistas, pude assistir nos olhos dos meus filhos o brotar do olhar denunciador do espanto com a brutalidade. Sim, é preciso cultivar essa memória e, mais, ir adiante não só na construção de memoriais, mas buscar a extirpação desse mal ainda presente entre nós.

O filme de Walter Salles, de forma hábil, nos abre, por fim, a reflexão sobre uma necessidade, qual seja, a de compreender através da nitidez da lente do diretor, com clareza, o importante e sempre postergado debate sobre a tutela militar na sociedade, o quanto essa chaga nos apequena e nos infantiliza. O Supremo Tribunal Federal vem buscando esse enfrentamento na investigação e na vindoura ação penal da tentativa de golpe de Estado. Um general e outros militares estão presos, mas deixaremos somente na mão do Poder Judiciário tal enfrentamento?

EM UMA TARDE QUALQUER

Nara Fontes

à sombra do desfeito
tudo aquilo
que ruiu
desconstruído
passado
emerge nos enganos
e duplos sentidos

se história foi
restou o beijo
tatuado na alma

que,
em uma tarde qualquer
sussurra
saudades

O ROMANCE DOS DESVALIDOS

Adelto Gonçalves

Em nova obra, Ronaldo Costa Fernandes conta uma história de amor sem final feliz e reconstitui mais um episódio da rica história do Maranhão

I

Depois de publicar *Vieira no Maranhão* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2019) e *Balaiada* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2021), ambos ambientados na época colonial no Maranhão, Ronaldo Costa Fernandes volta a exercitar o gênero romance histórico e retoma São Luís como cenário em *O ano da revolta dos desvalidos* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2024), em que traça uma história de amor paternal por uma filha, em meio aos tempos turbulentos da revolta liderada por Manuel Bequimão contra o jugo português em 1685.

Como se sabe, em sua primeira experiência no gênero, Fernandes criou, com absoluto êxito, um gênero híbrido de crônica e romance, misturando história à ficção. Sem pretender o foro de biografia do padre Antônio Vieira (1608-1697), esta obra procurou reconstituir a passagem de oito anos, de 1653 a 1661, do missionário pelo Maranhão, onde sua voz ecoou por várias vezes no púlpito das igrejas para condenar o regime de escravidão que os poderosos do local impunham aos indígenas. Nela, o autor tratou também de recuperar os embates que o religioso teve de enfrentar contra a elite local, os chamados homens-bons, ou seja, os proprietários de terras, que insistiam em fazer do Estado uma extensão de suas casas senhoriais, tal como ainda o fazem hoje muitos de seus pósteros.

Já em *Balaiada*, seu oitavo romance, procurou evocar uma revolta histórica por melhores condições de vida que envolveu escravos e outros segmentos oprimidos e eclodiu na província do Maranhão, entre os anos de 1838 e 1841, tendo sido um movimento eminentemente popular contra os grandes proprietários agrários da região. Recebeu esse nome devido ao apelido de uma das principais lideranças do movimento, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, que tinha esse apelido porque fazia cestos com as mãos.

Desta vez, com a mesma preocupação de resgatar a linguagem própria da época e fazer a reconstrução daquele tempo, o autor procura envolver o leitor numa trama de ficção com muitos elementos da realidade e da formação do povo maranhense. O principal personagem, o comerciante José Quirino é um dos re-

volucionários que seguiam Manuel Beckman (1630-1685), o Bequimão, filho de pai alemão e mãe portuguesa, que viera de Portugal para aventurar-se no Maranhão, tornando-se grande senhor de engenho, e que haveria de entrar em divergências com grandes proprietários locais e com os religiosos da Companhia de Jesus a respeito da escravização dos indígenas.

Quirino, porém, não é um colono só preocupado com vendas e números. Em Aveiro, onde nascera e se criara, cultivara algumas leituras e, em São Luís, tivera acesso à biblioteca dos jesuítas e às “palavras de Vieira sobre Sêneca e Klépero”, embora se mantivesse em silêncio para “não passar por esnobe para uns, soberbo para outros, desmiolado para muitos, perigoso para a guarda pretoriana do governador”. Sabe-se disso porque o romance é intercalado por anotações que teriam sido deixadas por Quirino.

II

A obra, porém, enfoca mais a luta de Quirino, que fora abandonado por Teodora, sua mulher, para dar à filha Maria um futuro promissor, já que ela seria moça pura e ingênua e que, hoje, provavelmente, haveria de ser rotulada como autista. Bela, “uma criança em corpo de mulher”, Maria se apaixona por Abelardo, filho de um comerciante como Quirino, mas os pais, em comum acordo, negam-se a autorizar o matrimônio, já que ambos teriam um desenvolvimento mental incompleto ou retardado, ou seja, seriam desvalidos, o termo mais usual à época. Abelardo, filho de um laticieiro, segundo o próprio pai, não servia para nada, “apenas para caminhar pela cidade com as canecas, candeeiros e objetos de lata e flandres presos num pedaço de cabo de vassoura”, a vender bugigangas.

Apaixonados e revoltados com a intranquilidade dos pais, Maria e Abelardo fugiriam para as matas e nunca mais seriam encontrados. E a culpa por não ter permitido que os dois se casassem acaba por transformar a vida de Quirino, que, repudiado pela mulher que o chamava de “inútil”, viria a se afundar num estado de depressão que o levaria a embarcar, quatro anos depois, numa nau para o reino, onde tornar-se-ia padre inaciano.

Ficaria para trás uma vivência atribulada, em que cumpria votos de pobreza e andava pelas ruas de São Luís “vestido num camisolão, de barba grande e um cajado como um apóstolo dos tempos de milagre”. Retorna-

ria ao mesmo convento em Lisboa onde fora seminarista e de onde partira para a colônia, sempre vivendo recluso e com medo de ser assolado pela “maldição de insanidade que acreditava ter perseguido sua família”.

Como já se pode ver por aqui, trata-se de uma narrativa rica e envolvente em que o autor, com rara habilidade estilística, conduz o leitor por uma época que prenunciava a separação da colônia americana, já que tem como pano de fundo uma revolta liderada por grandes proprietários de terra contra o estanco, o monopólio promovido pela Companhia Geral de Comércio do Maranhão, ou seja, “só se compra o que vem de Portugal e só se vende para a companhia”.

Uma rebelião que seria debelada com a chegada de Gomes Freire de Andrade (1636-1702), nomeado capitão-general e governador da capitania, com a condenação de Bequimão à morte por enforcamento. Embora a História considere essa uma revolta popular, fica claro que o que estava por trás, como na maioria das vezes, era o interesse das classes dominantes. E os pobres e os remediados, mais uma vez, teriam sido usados como massa de manobra.

POEMA PARA 2025

Antonio Carlos Secchin

Vai, ano velho, leva em teu bojo
o despojo do que foi embora,
mas que a cinza do sonho desfeito
adube de vida o que é morto
e transforme o jamais em agora.

Teu corpo já bem maduro
abandona a cena do teatro.
Em ti revejo o avesso do futuro,
recém-antigo 2024.

Canta um galo, mínimo e absoluto.
Canta, canta um galo na noite estrelada.
De seu bico não brota apenas a voz do dia,
mas a dor de perder a madrugada.

Fluímos num tufão de pasmo e gozo
sentindo que o passado é um destino,
pois brilha sobre a morte e os precipícios
uma luz do que em nós inda é menino.

Saudemos, então, de novo,
o tempo antigo, renascendo sem vinco.
Nós te sabemos e desconhecemos,
ó velho amigo 2025.

SAUDAÇÃO A JOSÉ JERONYMO RIVERA NA ABrL (20.3.2014)

Anderson Braga Horta

Conheço José Jeronymo Rivera, e de então nos fizemos amigos, desde os remotos tempos de nossa adolescência, nos bancos escolares, em Minas Gerais.

Em 1950, Leopoldina era ainda um importante centro educacional – apelidavam-na Atenas da Zona da Mata –, vivo e procurado por estudante de toda procedência, em que pese a concorrência da contígua Cataguases, cujo Colégio, projeto de Oscar Niemeyer, com jardins de Burle Marx, móveis de Joaquim Tenreiro e um vigoroso painel de Portinari sobre o Tiradentes, como que continuava a explosão modernizadora de Humberto Mauro, da *Revista Verde* e da *Meia-Pataca* de nossa Lina Tâmega. Já não existiam os cursos superiores, mas o Colégio Leopoldinense continuava lá, imponente, com sua fachada grega e, no vértice do triângulo, a inscrição latina *Mens agitat molem*. Tinha um corpo docente de elevado nível. Ainda lá pontificava o quase lendário Professor Machado, figura extraordinária de educador e grande figura humana. Português, engenheiro formado na *terrinha*, exerceu a profissão na região que Vivaldi Moreira gostava de chamar “a grande Carangola”, passando logo a educador e dono de um educandário. Tinha fama de truculento. E evocá-lo me sugere uma precoce digressão.

Já no Leopoldinense, Machado foi mestre de meu pai, que gostava de falar de sua cultura e suas façanhas. Contava-se, por exemplo, que chegara a “atirar” um aluno para fora de classe, pela janela... Não quero repeti-lo, contudo, sem o cuidado de lembrar que as salas de aula do velho colégio lançavam porta e janelas para um corredor interno; de modo que a queda não podia ser grande; na verdade, era praticamente simbólica. Mas a fama chegou até os nossos dias. Contrariando-a, nosso convívio com ele era timbrado por sua delicadeza de trato e por seu interesse em música (tocava o seu violino) e literatura, notadamente poesia.

(...)

No quadro assim superficialmente esboçado inseriu-se à maravilha o José Jeronymo, ou simplesmente Jeronymo, como o chamava a maioria dos colegas. Grande leitor, era visto aos domingos num dos bancos da praça fronteira ao Colégio, sobraçando os jornais de fim-de-semana, entre eles o enorme *Estadão*. Lia-os, como costumávamos dizer, de cabo a rabo. Como em sociedade nada se *perdoa*, ganhou o apelido de Zé Jornaleiro. Era senhor de grande acuidade mental e memória incomum. Tendo parado de estudar durante algum tempo, juntamente com seu irmão, Deodato, manteve contudo o interesse em coisas de cultura, de modo que sobressaía notoriamente na multidão dos alunos. Tirava sempre dez em todas as

matérias. Sua excepcional proficiência levou as autoridades eclesásticas a contratá-lo para lecionar no seminário local. Às vezes corrigia proposições desatentas de algum docente nem tão qualificado. Havia um, talvez menos delicado, que frequentemente lhe passava a batuta e limitava-se a lhe assistir à aula, quase como um de seus alunos. Certa vez – hoje estou dado a digressões... – um professor, por implicate discordância em questão de somenos, atreveu-se a lhe dar um nove e meio. A injustiça foi causa de um quase-tumulto na escola. Posso dizer que o Zé se tornou, em *pendant* com o velho Machado, quase uma lenda, se não um herói, no âmbito da escola e da cidade.

Por esse tempo começamos a fazer poesia, José, Deodato, eu e mais alguns amigos. Do grupo, era ele o mais aparelhado para o poema, especialmente o tradicional, que requeria conhecimento e leitura. Nem lhe faltava – tão cedo! – alguma dolorosa experiência de vida: filho de Emílio Vello Rivera e de Helena Pinto Ribeiro Rivera, ficou órfão da mãe aos oito para nove anos (Helena morreu na cidade de Barbacena, o que me incita a imaginar, meio que divagando em nuvens, a ida do jovem a Minas como inconsciente busca de identidade; ideia gratuita, vá lá; mas uma coisa é certa: Minas representou para os dois órfãos um rito de libertação); seguiu-a o pai, no Rio de Janeiro, cerca de um ano depois. Os primeiros versos de Rivera foram já de causar inveja a muito poeta veterano. Um soneto, e que soneto! Veja-se como, após ligeira hesitação inicial, a dicção se consolida no segundo quarteto, a ideia-sentimento ascende na tríade seguinte e, impulsionada pela gradação do verso undécimo, vai culminar no áureo terceto final:

VIDA E SONHO

*Não sou poeta. E embora faça versos
Em mim não sinto o espírito criador
Que entre caracteres tão diversos
Distingue o ser feliz do sofredor.*

*Meus sonhos e quimeras vão, dispersos,
Levados por um vento acolhedor,
Através da amplidão dos Universos
Da Fantasia, do Ideal, do Amor.*

*Que a vida humana, um desejo constante,
Uma nova ansiedade a cada instante,
Ontem e hoje, hoje e sempre se resume*

*Num sonho inebriante que sonhamos,
Do qual, como lembrança, conservamos
Apenas o nostálgico perfume...*

Um soneto sério, para um adolescente poeta. Vive então fase em que o pensar se prepara para o voo, mas em que também se começa a pagar à vida o tributo do amor. E o jovem poeta dá naturalmente, testemunho do seu. Vejamo-lo noutro soneto:

VISÃO NA ALVORADA

*A aurora vem raiando. O véu negro da noite
Dilui-se, a pouco e pouco, à luz de um novo dia,
Como se fosse um brando, um suave e leve açoite
A varrer da amplidão a manta escura e fria.*

*As brumas da manhã que nasce bela e clara
Dissolvem-se no espaço, alvas, esmaecidas,
Cobrindo de rubor a face que beijara
O sol a dardejar em setas coloridas.*

*No firmamento azul, um pássaro dolente
Gorjeia sem parar, saudando a madrugada,
Na sinfonia agreste e virgem do nascente.*

*E eu que vou indo triste a caminhar na estrada
Vislumbro na harmonia imensa a minha frente
– Sorrindo para mim, o teu olhar de fada!*

(...)

Em 1953, seu último ano em Leopoldina, coube-lhe, mercê do currículo privilegiado, comandar a ressurreição do jornal dos estudantes. De maio a outubro tirou, como diretor, auxiliado pelo irmão, secretário, sete edições do *Três de Junho*. O número inaugural, datado de 5 de maio, trazia no editorial, assinado por José Jeronymo Rivera, com uma palavra sobre o renascer do órgão estudantil – “das próprias cinzas”, como a Fênix –, uma profissão de fé jornalística:

*A nossa linha de conduta – dizia –
será invariavelmente uma: a verdade. A verdade em toda e qualquer hipótese, a verdade cristã na vanguarda da luta diuturna contra o erro e a mentira, a verdade pura e imaculada de nossa crença pautando o nosso pensamento e as nossas palavras, contendo nossos impulsos e fazendo-nos agir em conformidade com os princípios sagrados de nossa formação moral e religiosa.*

(...)

Finalmente, em 25 de outubro, a edição de encerramento do ano – e da Fênix renascida sob o condão riveriano, José cede a primeira página para um conto de Deodato, “História de um Menino Triste”. O editorial vai para a última página;

Continuação na página 10

GUIMARÃES ROSA EM FOCO

Enéas Athanázio

Guimarães Rosa é um dos escritores mais lidos e estudados da literatura nacional. Com efeito, sua obra é inesgotável e revela uma criatividade espantosa como não se encontra igual. Ao longo dos anos venho lendo e relendo suas obras, em especial o *Grande Sertão: Veredas*, e a cada nova incursão mais me surpreendo.

Em 2022, por iniciativa da Universidade de Brasília (UnB), foi realizado um colóquio internacional para comemorar os 60 anos da publicação do livro de contos *Primeiras Estórias*. Coordenado por Gustavo de Castro, Clara Rowland e Leandro Bessa, cada conto do livro foi esmiuçado por um professor ou professora especializado na obra rosiana. Os ensaios então apresentados foram reunidos no livro *As Primeiras Estórias de Guimarães Rosa*, publicado pela Editora da UnB (2024).

Alguns contos foram submetidos a uma análise tão ampla e complexa que parecem ter se desligado do texto e pairado no ar da mais etérea filosofia. Como ficcionista, fico me indagando de que forma o autor poderia pensar naquilo tudo no momento em que lança no papel a sua obra. Mas, como alertam os teóricos, o ensaio crítico é outra obra, além da criticada, assim como o cinema se liberta do texto que inspirou o filme e o teatro viaja por outros caminhos.

Entre os mais profundos e complexos ensaios está “A terceira margem do rio”, de autoria de Yudith Rosenbaun, professora da USP (24 páginas). Dona de uma cultura e erudição sem limites, a ensaísta transita pela teoria literária, a filosofia, a psicologia e até a psicanálise para formular hipóteses a respeito da insólita decisão do pai de morar no meio do rio provocando a perplexidade do filho. É um texto tão forte que exige redobrada atenção e constante releitura de quem o enfrenta. Certas passagens ficaram retinindo na minha cabeça e a elas tive que retornar. “A terceira margem do rio” é dos contos mais comentados de Rosa, o que levou a ensaísta a dizer: “Isso torna o desafio do analista literário muito maior, uma vez que não será fácil abordar algo original diante de tudo o que já foi escrito” (p.109). Mas existirá algo original? Rosa terá pensado em tudo isso ao escrever esse conto? “Meu intento neste artigo – prossegue ela – longe de trazer uma novidade, será interligar algumas linhas de força desse rio-texto maravilhoso,

buscando convergi-las em torno de um efeito estrutural da linguagem” (idem). Lembra nessa altura a palavra do próprio Rosa quando disse: “Eu investigava, na época, personagens **extra-ordinários**, marginais à lógica hegemônica ou cartesiana” já mapeados por vários críticos. Difícil entender, fora do campo poético, suas frases inventivas – diz a ensaísta. Prosa e poesia se entrelaçam, é uma prosa poética ou poesia em prosa, penso cá com os amigos de mim, como falava Fernando Pessoa. Ao ingressar de rijo na análise do conto, ela diz: “Pretendo, como disse no início, margear o texto já que mergulhar em seu centro é impossível. O âmago da terceira margem é insondável, é o “inconcebível em termos da razão humana”, como diz o crítico Luís Costa Lima. O conto – escreve a ensaísta – pode ser encarado por dois eixos: a reação da família e do núcleo local e o dilema do filho em seu drama psíquico diante da situação (p.116). Por fim, lembro que ela invoca a célebre passagem de *Grande Sertão: Veredas* em que Riobaldo e Diadorim, ainda meninos, atravessam de canoa a junção do rio De Janeiro com o Velho Chico quando acontece uma cena intimidadora diante da qual Diadorim formula a frase que será seu lema de vida: “Carece de ter coragem!” (p. 120). Concluindo, diria que Rosa plantou nesse conto um enigma até hoje não decifrado, ainda que desafiando as maiores inteligências.

Outro conto estudado até os últimos limites é “Famigerado” (16 páginas). O autor

do ensaio é Abel Barros Baptista, doutor em letras pela UNL (Universidade Nova de Lisboa). Segundo o ensaísta, é uma palavra hoje pouco usada e que parece ter perdido o sentido original. No conto, o doutor está tranquilo em casa quando ouve uns barulhos diferentes. Abre a janela e depara com alguns cavaleiros, entre os quais reconhece um sujeito perigoso e violento, autor de crimes de morte. Ele permanece com o chapéu na cabeça e recusa o convite para entrar, atitudes fora do costume. Apresenta-se como Damázio dos Siqueiras, conhecido de todos e perigosíssimo. Toda a reputação do indivíduo passa pela cabeça do doutor e o visitante se põe a falar. Quer saber se famigerado é ofensa ou elogio. Fora assim tratado e aquilo estava atravessado. O doutor põe os miolos em ação e nenhuma resposta lhe parece suficiente para acalmar o bandidão. Mas, enfim, a resposta vem aos lábios:

- Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...

Diante disso Damázio se permite ser famigerado, sem que haja mal. Ele e os outros se vão e o doutor fica ruminando mil ideias sobre a situação e o que havia dito. A paz volta ao arraial.

Assim, conto a conto do livro vai sendo submetido a um crivo agudo e competente, extraíndo as mais surpreendentes interpretações. É um manancial inesgotável que nobilita Guimarães Rosa e desafia o leitor.

FUTURO NEON

Rosani Abou Adal

Flores brotam no coração da Sé,
a catedral sorri em uníssono.
Chafariz ilumina e acolhe
homens sem teto e sem fruto.
Sonhos refazem a vida que colhe
esperanças no altar-mor das ilusões.
O evangelho é proclamado
pelos fiéis no banco da praça.
Menores fumam crack e cheiram cola
em busca de um futuro neon.
Calçadas de plástico clamam em nome da paz.
Eremitas vendem sonhos nas ruas.
A catedral da Sé, um poliedro de esperanças.

Os pratos vazios amanhecem no ventre
da cidade desvairada
e, nas escadarias, Mário de Andrade
canta Salmos e bebe Kyries.
Fome – grita alguém do outro lado.
Sede – exclama o comedor de fogo.
Milhões de pessoas a naufragar
no silêncio da melodia muda.
Ninguém escuta os filhos da mesma aurora.
Pausa – a cidade ensurdece e emudece.
A fome e a sede, as cores vivas do País.

(In *Paixão por São Paulo*, editora Terceiro Nome, 2004; e *Poesia*, Clube de Poesia, 2001.)

POR UM FIO...

Sandra Maria

Ela apareceu em um dia de chuva. Estava em uma cesta velha de palha de buriti, os fios soltando da tampa, perto da pinguela do corguinho que levava ao Ribeirão da Mata. Chorando, o rostinho enrugadinho! A enxurrada podia ter levado junto com o barro. Não levou, e ela ficou. Sorte que Didi estava voltando da roça, correndo da chuva. Passou e ouviu e viu. Joana e Didi ficaram com ela.

Moravam, desde os tempos dos finados pais, numa casinha de pau a pique com telhado de palha, na divisa da fazenda do seu Tonico com o vizinho, o Coronel Mário. Didi sabia do “coroné” por ouvir dizer, pois ninguém nunca aparecia lá da outra banda da cerca. Devia de ser muita terra, longe.

Para explicar a chegada da menina para o retireiro do seu Tonico foi um custo. Os irmãos eram mudos de nascença. Ouviam, mas falar, nada. Irritado com os gestos do Didi, nervoso, balançando os braços juntados:

“Canoa no rio?” perguntou Amadeu sem entender que o Didi embalava.

Didi balançou a cabeça na horizontal em veemente negativa e insistiu no gesto.

“Peneirando o quê, Didi?”

Não, de novo. Didi tentou, então, imitar o choro, abrindo a boca e apertando os olhos fechados. Esta, o Amadeu captou:

“Que que é isto, home? A Joana morreu?!”

Didi olhou para o Amadeu espantado. Novo balanço enfático da cabeça na horizontal.

“Vou lá depois” e dispensou o Didi.

Amadeu, que não tinha nenhuma paciência com nenhum tipo de deficiência, nem boi manco, nem vaca que falhava parição, nem touro molengo, nem cavalo tropeçador (ia tudo pro abatedouro e rápido), foi lá. Viu a bebezinha franzininha e a Joana botando leite da cabra na boca dela com colher, viu a cesta e o Didi mostrou a beirada do córrego...

“Vamo pra rua. A gente põe a lona no carro de boi.”

Na cidade, Seu Delegado, sozinho, já de saída e com pressa, ouviu a história (bebê branquinha, os irmãos eram mulatos, descartou incesto – “A justiça deve ter a mente suja em favor da verdade” era uma de suas máximas). Queriam ficar com a menina? Vigorosos acenos de cabeça na vertical. Registrar, então! Enquanto empurrava os roceiros em

direção ao Cartório, que nome? Seu Delegado ainda não tinha filho (mas se tivesse, seria homem, levaria o seu nome, Delegado Filho). Moisés seria adequado, se fosse homem, mas nome de mulher não tinha ideia. Da porta do Cartório saiu correndo para o encontro com a Leninha (“Êta mulher bonita!”). Amadeu olhou as nuvens pretas no céu, o Cartório já fechando, que nome? Impasse. Analfabetos, os irmãos levantaram os ombros, desolados. Se tinham algum nome nunca se soube. Dona Maria, última a sair sempre (ficava pra trás pra fechar o Cartório), católica praticante, e com pressa também, sugeriu Mariana e logo, na Igreja, Seu Vigário sacramentou. Desajeitado, Amadeu foi padrinho com uma das rezadeiras de plantão. E a nenê nem chorou com a água benta. Acostumada, já.

Satisfeitas a justiça e a religião, os novos pais compraram umas coisinhas na venda e o padrinho, olhando de esguelha para Mariana, comprou de presente um bico de borracha que, esticando, se encaixou na boca de um vidro que a dona da venda disse que era de tônico vendido em colheradas (a dona esvaziou bebendo a última) e que podia ser lavado em casa, e seguiram de volta pra fazenda, no carro de boi, chiando na terra molhada.

Mariana, que tinha sido entregue à própria sorte, se viu envolvida em braços de amor sem sons, mas ela aprendeu logo a reconhecer sorrisos, principalmente os desdentados.

Foi crescendo, calada de sons de palavras, mas imitando sons de pássaros, do porco da seva, das galinhas, do bezerrinho da cabra, do urro dos animais selvagens, do chiado da comida no fogo, da água da bica, do espirro, da tosse, do trovão, da chuva. No cantinho da fazenda, não via ninguém. Só o Amadeu vinha de quando em nunca e gritava: “Ô Mariana!” Joana nunca mais foi à rua. Estrada ruim demais. Pedir carroça emprestada... Didi ia de carona no carro de boi com Amadeu, de raro em raro. Naqueles tempos antigos, fazendas eram um mundo à parte. Na cidade, Didi comprava o mínimo que faltava com o pequeno salário que recebia por ajudar na lida do gado. De comida plantavam arroz, feijão, milho, uma hortinha e, com os animais domésticos e o leite buscado de manhã no curral da fazenda, iam levando. O roceiro aprendia a viver com pouco. E a menina crescia fortinha. E feliz, por ali.

E não foi que um dia a menina desapareceu? Sem deixar rastro nem nada? Pra desespero dos irmãos, nunca mais de Mariana. O vazio e a tristeza viveram o resto da vida deles. A de Mariana também foi triste. Acostumada no silêncio e no carinho, se viu cercada de um mundo de crianças barulhentas na Creche de Nossa Senhora da Conceição. Levada ali por um moço, mascate de tourinhos, já conhecido das freiras, que disse tê-la encontrado caminhando na estrada pelos lados do Ribeirão da Ponte Velha (uma pequena variação do verdadeiro Ribeirão da Mata, mas verdade seja dita, o tal ribeirão tinha, mesmo, uma ponte danada de velha). Voltaria quando desse, prometeu o moço às freiras. E voltou. E a menina não falava nada e não pôde explicar nada. Mas disse “Ô Mariana” e a Irmã Dulce, a diretora, gostou do nome. Mariana então era e ficou. Aos poucos, Mariana começou a aprender a falar, e a brincar, e a rezar, e a ler. E o tempo passou. E Mariana crescia. E o mascate continuou a ir.

“Que desgraceira é esta, mulher? Sangrando de novo? Além de já ter deitado com outro antes de casar comigo, ainda não fica prenha?”

“Até que eu queria, Gercílio! Não tenho culpa!”

“Como é que é? Até que queria ter deitado com outro e não tem culpa? Não me ofende, mulher!”

Tapa na cara.

“Não bate não! Você não entendeu! Até que eu queria esperar nenê! Não tenho culpa de não dar conta!” Piedade chorava.

“É o mínimo que podia fazer depois de nem ser virgem...”

“Mas você sabia, papai te avisou!”

“Ele te vendeu, mulher. E ele mesmo pagou e com uma fazenda!”

Piedade chorou mais alto.

“Para com esse berreiro!” E ela não parava. Era só tristeza na sua vida.

Gercílio não aguentou.

“De castigo pra cima do guarda-roupa!”

E agarrou sem dó a mulher e colocou a coitada em cima do guarda-roupa.

Com as pernas balançando, Piedade olhava o teto bem de pertinho e via o dia em que teve nenê, a nenê, na verdade. Quem fez o parto nem era parteira e arrebitou com ela. Tinha só treze anos então e tinha o corpo

Continuação na página 9

POEMAS DE MARIA DO CARMO PEREIRA COELHO

DESESPERANÇA

Girassol

Constante repetição dela.
Da mesma sorte.
Da mesma morte.
Da mesma notícia.
Do mesmo destino do homem.
Incerto, certo.
Todos condenados ao auxílio.
Auxílio nem sempre alcançado.
Condenados ao abandono.
Por tudo isso, joguei meu calendário,
Na casa da Esperança.
Onde o dia, a tarde e a noite existem.
Onde o luar me convida a caminhar,
Pisando nas estrelas que brilham.

RAPTO

Girassol

Primeiro um homem de roupa cinza caiu
morto numa calçada na China.
Logo pensei: a morte está muito longe de nós.
De repente, passamos a ver que, em qualquer
lugar deste mundo, pessoas caíam nas calça-
das.
E ocuparam os hospitais.
E precisavam de cuidados.
Um vírus desconhecido se instalou nos seres
humanos.
Depressa o rapto se instalou.
Rapto da Rita.
Rapto Camaleoa.

Rapto da Helena.
Rapto das Sabinas.
Rapto das vacinas.
Rapto do oxigênio.
Rapto da saúde.
Rapto da vida.

Rapto da faca que ficava dentro da mala, em-
baixo da cama e que guardava um segredo:
um dia uma mulher morreria (não do vírus),
mas porque tinha medo do lobo mau, do lobi-
sOMEM e do homem.

POR UM FIO...

Continuação da página 8

pequeno até hoje. Doe demais. Até matou a
nenê. Roxinha, nem chorou quando nasceu. Já
levaram ela mortinha. Devia de ser pelo estra-
go que não vinha mais nenê. Mas não contaria
para o marido. Deus me livre, ia bater nela até.
E jurara ao pai moribundo que não contaria o
segredo pra ninguém.

Quando um boi brabo furou a barriga do
Gercílio e saiu tripa pra todo lado e ele morreu
estrebuchado no estrume do curral, Piedade
não derramou uma só lágrima. Virou a dona
da fazenda que já era dela mesmo, aprendeu a
ser durona, falar grosso e dar ordens. Segredo
ao vento, a primeira providência foi descobrir
o túmulo da filha. Ninguém sabia. Os empre-
gados antigos, jurados de morte pelo patrão,
sabiam que ele tinha trancado a filha na caba-
na dos Maranhão de castigo e o porquê era só
sussurrado. “Era o namoro com o cabra dos
tourinhos, nas férias na fazenda. Depois que
soltaram a moça, os Maranhão mudaram ou
foram mudados. A menina-moça nunca mais
voltou pra cidade.”

Começando novamente do zero, Pie-
dade vasculhou a fazenda atrás de uma cruz
pequena. Já tinha feito isto, disfarçadamente,
mas, agora, era pra valer. Nada. Voltou pela
milésima vez ao cemitério rural. As cruzes
eram todas grandes. Ela não estava ali. Se não
tivesse morrido, teria, agora, sete anos. Piedad-
de chorou.

A primeira vez que o mascate de touri-
nhos viu Mariana, ela já tinha cinco anos. Ele
tinha ido até a divisa da cerca com Amadeu
atrás de um tourinho teimoso que desgarrara
do lote que tinha vendido pro Seu Tônico. A
menina tinha os mesmos olhos da cor de mel,
os cabelos anelados lourinhos, o rosto redon-
do, meu Deus, como parecia com ela! Depois
que o Coronel Mário pegou ele daquele jeito
na palhoça com a Piedade, foi um Deus nos
acuda! Ele teve que sair correndo com bala de
fogo na rasteira e nunca mais voltou naquela
fazenda. E o medo? Soube depois que Piedade
se casara.

Deu um jeito de se esgueirar escondido
pra ver a menina de novo. Da terceira vez, por
via das dúvidas (e do preconceito) “Aqueles
mulatos mudos, sei não. Melhor levar a me-
nina pra bem longe, pras freiras cuidarem.” Já
tinha levado um menino pra lá mesmo. Para o
bem deles, garantiu a si mesmo.

“Maranhão, a gente num vai matá a bi-
chinha, vai?”

“Quero não, muié, mas se o patrão dis-
cobrir? Mandô interrâ ela.”

“Credo! Deus livre e guarde, sô!”

E assim Mariana foi parar numa cesta
esfiapada e achada pelo Didi na beira da pin-
guela do córrego, no roteiro de fuga dos Ma-
ranhão (“Vai que o Coroné descobre que nós

num interrô a minina e ele é das pulítica e da
jagunçada. Neim!”).

E pra onde foram os Maranhão? per-
guntava Piedade. Nunca achados, respondia
seu mundo sem respostas.

Piedade resolveu adotar. Não conseguia
se decidir por nenhuma criança que via. Vacila-
va. Será que procurava por uma menina que
fosse loura também?

Havia alguma? No último orfanato que
foi, já distante da fazenda, perguntou. “A úni-
ca órfã loura que já apareceu aqui”, respondeu
Irmã Dulce da Creche de Nossa Senhora da
Conceição, “morreu justo na semana passada.
Parece que foi de crupe. Uma menina tão bo-
nita!”

Que triste, suspirou Piedade.

E num impulso “Onde está enterrada?”

E em frente ao túmulo com a cruzinha
pequena, na mudez da morte, Piedade rezou.

Na saída do orfanato, o olhar de Piedade
se cruzou com o de um menino moreno, da
cor do mascate de tourinho.

“Qual é o seu nome?”

“É Matia, moça.”

Piedade decidiu-se.

“E o meu é Mãe.”

(“Quem sabe um dia terei pai, também”,
pensou o menino moreno. E sorriu, quando as
mãos se tocaram.)

(O mascate se chamava Matias.)

SAUDAÇÃO A JOSÉ JERONYMO RIVERA NA ABrL (20.3.2014)

Continuação da página 6

intitula-se “A Hora da Decisão”, toma por mote a obra de Stefan Zweig *Brasil – País do Futuro*, cita Ronald de Carvalho (“O erro primordial das nossas elites, até agora, foi aplicar ao Brasil, artificialmente, a lição europeia”) e aponta as mazelas a combater, num discurso infelizmente ainda atual, mesmo quanto ao analfabetismo, se não esqueçamos – e não devemos esquecer – sua permanência no que se convencionou chamar de *analfabetismo funcional*.

(...)

Jeronymo não volta para Leopoldina em 1954. Sem sua presença dinamizadora, a Fênix morre de vez. Imprimiu-se, todavia, uma edição extra, comemorativa do septuagésimo quinto aniversário do Colégio, em 1981.

Detenho-me nessa breve sobrevida do *Três de Junho* porque me parece uma realização importante na história do Colégio e definidora do caráter e dos interesses culturais de Rivera. Esses interesses o levariam à formação profissional como Engenheiro Civil, Administrador de Empresas e Economista, ao magistério de nível médio e superior, ao exercício de importantes funções no serviço público, no Rio de Janeiro e em Brasília, à colaboração em programas radiofônicos de música clássica e, abreviando, à literatura, notadamente como tradutor de poesia. Em virtude da sobrelevação desse veio nas áureas minas riverianas, dedicar-lhe-ei com exclusividade a segunda parte desta oração.

(...)

A publicação em livro de algumas das primeiras traduções ocorre em 1976, com *Capital Poems* (Victor Alegria – Thesaurus, 1989) e *Calíandra – Poesia em Brasília* (André Quicé Editor, 1995). O primeiro livro próprio, na espécie, teria de esperar o ano de 1998, quando publica pela Thesaurus *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilingue*, com apresentação nossa, de Arino Peres e de João Carlos Taveira. Foi uma estreia esplêndida, mostrando um poeta de grande força a empregar o seu talento na transposição de autores que iam de Guillaume de Machaut (c. 1300-c. 1377) a Paul Éluard (1895-1952). A segunda edição, dada a lume dez anos depois, esticaria este termo até os nossos dias, com os contemporâneos Yves Bonnefoy e Philippe Jaccottet. Dentre as esmeradas versões em nossa língua é difícil escolher. Qualquer uma traduziria dignamente o bem-recompensado esforço de Rivera. Fiquemos com Baudelaire, poeta de nossa predileção, aí representado preeminentemente – o destaque é meu por dois soentos, “Recueillement” e “La Musique”; e, dentre esses, por causa da musicofilia que nos é comum, com o segundo:

A MÚSICA

*A música me atrai, muita vez, como o mar!
Rumo à etérea estrela,
Sob um teto de bruma ou na amplidão solar,
Ergo minha vela;*

*De peito para a frente e com os pulmões inflados,
Qual fossem de tela,
Escala à vaga imensa os cimos sublevados
Que a noite me vela.*

*Sinto vibrar em mim o fervor das paixões
De um barco sofrendo;
O bom vento, a tormenta e suas convulsões*

*No abismo tremendo
Me embalam. Vez a vez, calmaria a espelhar
Todo o meu penar!*

A recepção da *Pequena Antologia* foi consagrada. Saudaram-na entusiasticamente cerca de três dezenas de escritores de mérito e nomeada. Da numerosa relação pinço, pelo denso de seus comentários, alguns nomes significativos: Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Nejar, Cleonice Berardinelli, a portuguesa Dalila Pereira da Costa, Fausto Cunha, a italiana Luciana Stegagno Picchio. Se monótono fora enumerá-los, inviável é transcrevê-los. Limito a exemplificação a um deles, Alexei Bueno, cujo depoimento resume admiravelmente o impacto positivo da estreia riveriana, ao passo que o declara “um dos maiores tradutores de poesia do Brasil”:

Suas traduções – diz ele – são magistrais, algumas inigualáveis. O “Recolhimento”, do Baudelaire, que julgo dos maiores sonetos da língua francesa, está extraordinário, mas o grande espanto é o quase impossível *Cemitério Marinho*. Que grandes soluções as suas, e que arte em abandonar as consoantes pelas toantes nos momentos inevitáveis, criando verdadeiras surpresas no que seria uma irregularidade e mantendo de ponta a ponta o tom e o registro altíssimo desse poema sem paralelo.

Não posso deixar, contudo, sem menção o veredicto de Fausto Cunha, objeto de nossa comum admiração. Para o contista de *As Noites Marcianas* e ensaísta de *O Romantismo no Brasil*, a *Pequena Antologia* é em verdade grande, e o “*Cemitério Marinho*”, “um muitíssimo bem sucedido *morceau de bravoure*”.

De 1999 é *Cidades Tentaculares* (*Les Villes Tentaculaires*), primeiro livro de Émile Verhaeren traduzido integralmente entre nós. Rivera tem pronta para o prelo a tradução de outro livro desse belga de expressão francesa, *Les Heures*. Em 2001 lançou as *Rimas* de Gustavo Adolfo Bécquer. Dessas, que lhe valeram o prêmio Cecília Meireles, da União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro, quero lembrar um poema que apreciamos desde as primeiras lições de Espanhol, em Leopoldina:

*Do salão em um ângulo escuro
de sua dona talvez olvidada,
silenciosa e coberta de pó
via-se a harpa.*

*Quanta nota dormia nas cordas,
como o pássaro dorme nas ramas,*

*esperando sentir a mão nítida
que sabe arrancá-la.*

*– Ai – pensei –. Quantas vezes o gênio
assim dorme no fundo de uma alma,
e uma voz, como Lázaro, espera
que lhe diga: “Levanta-te e anda”!
(...)*

Dez anos depois vem a lume, pela mesma Editora, *A Voz a Ti Devida*, do poeta espanhol (da famosa Geração de 27) Pedro Salinas (de quem, aliás, tem também José Jeronymo, prontas, a tradução de *Razón de Amor e Largo Lamento*, completando a “trilogia amorosa”, além das versões de *El Contemplado* e *Todo más Claro*). Rivera, esse “poeta disfarçado de tradutor”, na feliz expressão de José Antonio Pérez-Montoro, que assina o estudo introdutório, foi, a propósito, alvo de lúcido comentário de Adelto Gonçalves, que o aponta como “um dos grandes tradutores das poesias espanhola e francesa para a Língua Portuguesa”. Nas orelhas, o poeta João Carlos Taveira registra “a marca de qualidade da tradução de José Jeronymo Rivera, com a confirmação do velho axioma: “Todo tradutor de poesia deve ser em essência, um poeta.”

Nosso poeta-tradutor lançou ainda de um bom número de edições do mesmo gênero (todas bilíngues) em parceria com autores do porte de um Fernando Mendes Vianna e um José Augusto Seabra: *Poetas do Século de Ouro Espanhol* (Embaixada da Espanha/Thesaurus, 2000), laureado com o Prêmio Joaquim Norberto, da UBE – Rio de Janeiro; *Victor Hugo: Dois Séculos de Poesia* (Thesaurus) e *O Sátiro e Outros Poemas* (Galo Branco), em 2002; *Antologia Pessoal* de Rodolfo Alonso (Thesaurus) e *25 Sonetos Descaradamente Eróticos*, de José Antonio Pérez-Montoro (Círculo de Estudos Clássicos de Brasília), ambos de 2003; e *Antologia Poética Ibero-Americana*, organizada por Pavel Éguez para a Asociación de Agregados Culturales Iberoamericanos (Cuiabá, 2006). Participou, inicialmente, com traduções inversas, do português para o espanhol, no belíssimo volume, organizado por Seabra, *Poetas Portugueses e Brasileiros dos Simbolistas aos Modernistas* (Instituto Camões / Thesaurus, 2002).

Na coleção Livro na Rua, da Thesaurus, publicou, além de seu *Aprendizado de Poesia*, na condição de organizador: *Humberto de Campos: Poesia*; *Xavier Placer: Poemas*; *Miguel Torga: Contos e Almeida Garrett: Poesias*.

Completando o quadro de suas atividades literárias: tem realizado palestras na Associação Nacional de Escritores e na Biblioteca Nacional de Brasília, e colaborado em periódicos como *Literatura*, *Revista de Poesia e Crítica*, *Revista da Academia Brasileira de Letras* e *Jornal da ANE*.

José Jeronymo Rivera vem enriquecer nossa orquestra acadêmica de um instrumento raro. É-lhe destinada a Cadeira nº XXVIII – Olavo Bilac, antes ocupada por Clovis Sena, ilustre jornalista, poeta e ensaísta, como nós amante da música, dileto amigo nosso desde os inícios de Brasília. Bem-vindo seja.

GUERRA E PAZ, A CATEDRAL DE TOLSTÓI

Edmílson Caminha

Dos templos que conheço, o que mais me impressionou, pela grandeza e pela imponência, foi a Catedral de Colônia. Parece talhada no granito negro de uma montanha, com as torres imensas a fazer cócegas nos pés de Deus, como no belíssimo poema que lhe dedicou Affonso Romano de Sant'Anna. Só um louco para dizer que foi construída por um único homem, pedra a pedra, sem ajuda de ninguém. Pois o russo Liev Tolstói fez prodígio semelhante, ao escrever *Guerra e Paz*, monumento capaz de valer, sozinho, por uma literatura inteira.

Publicado originalmente em capítulos, entre 1865 e 1869, no mensário *Ruskii Vestnik*, imagino o romancista a mergulhar a pena vezes sem conta no tinteiro, o mata-borrão a absorver o excesso... Tudo a mão, as longas tiras de papel depois encaminhadas à revista, milagrosamente salvas de perdas que comprometeriam a obra para sempre. Leio as 2490 páginas traduzidas diretamente do russo por Rubens Figueiredo, na edição em dois volumes da Companhia das Letras, lançada em 2011. Avançamos, nessa área: até há pouco, traduções de Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov se faziam a partir, geralmente, do francês, o que agravava o prejuízo do texto, inevitável sempre que transposto do original para outra língua. Ao apresentar o romance, adverte Rubens:

Esta tradução, feita diretamente do original russo, teve o propósito de observar, o mais possível, os traços linguísticos relevantes para o autor. Entre eles estão as repetições de palavras, expressões e estruturas sintáticas. (...) É o caso também dos períodos de longo fôlego, que por vezes beiram o truncamento da sintaxe – como se a prosa reproduzisse as hesitações do próprio pensamento. Ou a maneira como Tolstói às vezes distribui a fala dos personagens e a intervenção do narrador nos diálogos, optando por caminhos bem diversos dos que usaríamos hoje em dia. Além disso, há o cuidado em marcar as diferenças sociais por meio do linguajar dos personagens.

A par dessas características, o costume dos prosadores russos de tratar as personagens ora pelo nome e sobrenome, ora apenas pelo nome, ora pelo apelido familiar, ora pelo título de nobreza, hábito que inspirou ao argentino Ernesto Sábato a divertida fala de um interlocutor no romance *O túnel*:

— Observa que jamais pude acabar uma novela russa. São tão trabalhosas... Aparecem milhares de pessoas e, no fim, não são mais do que quatro ou cinco. Mas é evidente, pois quando começa a te orientar com um senhor que se chama Alexandre, logo acontece que se chama Sacha e depois Sachka e depois ainda Sachenka, e de repente algo grandioso como Alexandre Alexandrovitch Bunine e mais tarde é simplesmente Alexandre Alexandrovitch. Mal te orientaste, já te despistam novamente. É coisa de não acabar: cada personagem parece uma família.

São significativas, a propósito das velhas traduções, as marcas da França em *Guerra e Paz*, a dizer da influência do país na sociedade russa do século XIX. Significativamente, um dos protagonistas chama-se Pierre, e não Piotr... O francês era não apenas familiar à aristocracia, mas falado por ela como segunda língua, conforme se lê em muitos diálogos e trechos da narrativa. Some-se, a esse aspecto formal, a gigantesca presença de Napoleão, a erguer-se na história como um penhasco em meio à planície. Figura mercurial, desloca-se controverso entre o homem e o mito, o gênio e o louco, o herói e o vilão. Mediocre não era: as notas que pôs à margem d'*O Príncipe*, de Maquiavel, valem pela inteligência, pelo saber e pelo irônico bom humor. O túmulo do autocrato soberano, no Palácio dos Invalides, em Paris, é um exagero de ostentação e de pompa: fosse Jesus que lá estivesse, a opulência não chegaria a tanto.

Na ficção de Tolstói, personagens se dão a conhecer por retratos físicos a que sempre se juntam, com maestria, caracteres psicológicos, traços de atitude, maneiras de comportamento:

Pierre era um desajeitado. Gordo, de estatura mais alta do que o habitual, largo, com imensas mãos vermelhas, ele, como dizem, não sabia como entrar num salão e menos ainda como sair, ou seja, dizer algo especialmente agradável antes de se retirar. Além disso, era distraído. Ao levantar-se, em vez do seu chapéu, pegou um chapéu de general, com três pontas e um penacho, e ficou com ele na mão, sacudindo o penacho, até que o general veio pedi-lo de volta. Mas toda a sua distração e incapacidade de entrar num salão e ali travar conversas era compensada por sua expressão

de benevolência, simplicidade e modéstia.

Sônia é “uma moreninha em miniatura, fininha, com um olhar suave, sombreado pelas pestanas compridas, com uma trança negra e espessa que dava duas voltas na cabeça. (...) Pela harmonia dos movimentos, pela suavidade e flexibilidade dos membros pequeninos e por sua maneira contida e esperta, fazia lembrar uma gatinha ainda não crescida de todo, que um dia se tornaria uma pequena gata encantadora”. No príncipe Nikolai Bolkónski vê-se “a figurinha baixa de um velho, de peruca empoada, mãozinhas miúdas e secas, sobrelhas grisalhas e pendentes, que às vezes, quando as franzia, encobriam o brilho dos olhos, inteligentes e cintilantes como os de um jovem”.

À sombra dos protagonistas, personagens secundárias sempre me interessam, pela riqueza humana e pela força dramática que jamais esquecemos. Em *Guerra e Paz*, inimigos no campo de batalha, os sentimentos de dois quase garotos, o russo Pétia e o francês Vincent, emocionam pela solidariedade que se sobrepõe a interesses políticos e à violência da luta. Lembram o argentino Juan López e o inglês John Ward, do famoso poema de Jorge Luis Borges, que se matam nas Malvinas em nome de ditadores e de generais para quem, ontem como hoje, serão apenas cruzeiros na solidão dos cemitérios.

Impossível não guardar a comovente lembrança de Platon Karatáiev, que Pierre encontra em meio ao combate. Homem bom, vive a dizer provérbios com a pureza e a doçura que só há nos espíritos verdadeiramente grandes, ditados que soam com a beleza e a sabedoria de que em geral não nos damos conta:

Uma hora para sofrer, cem anos para viver!

Onde tem julgamento, tem mentira.

A minhoca rói o repolho e acaba morrendo antes dele.

Na miséria e na prisão, nunca diga não. Qualquer dedo mordido dói do mesmo jeito.

Nossa felicidade é como a água na rede do pescador: a gente puxa, a rede incha, mas quando a gente levanta, não tem nada.

Deus faça a gente dormir que nem uma pedra e acordar que nem um pão fresco.

Continuação na página 12

Prometer é irmão de sangue de fazer.

A exemplo de outras obras-primas do gênero, como a *Recherche* de Proust, o *Ulisses* de Joyce e *O jogo da amarelinha*, de Cortázar, *Guerra e Paz* rompe as fronteiras do romance, de acordo com a lição da teoria literária: vai muito além do que se preceitua quanto a espaço, tempo, narrativa e personagens. Simultaneamente à história de Natasha Rostova, Andrei Bolkónski, Pierre Bezúkhov, Anatole Kuragin e tantos mais, Tolstói faz a crônica de batalhas célebres como Austerlitz e Borodino, comentários longos sobre os bastidores e as lutas das guerras napoleônicas, extensas digressões a respeito da política, dos estados nacionais, dos governantes e dos chefes militares que, bem ou mal, decidem o futuro dos povos. Em todo o livro, mas, sobretudo, nas dezenas de páginas do “Epílogo”, entrega-se o autor a reflexões profundas sobre a filosofia da história, o exercício do poder, a trajetória das nações, a liberdade do indivíduo e as circunstâncias de que resultam os grandes acontecimentos. Mais do que o ficcionista, escreve o pensador, com inteligência, lucidez e sabedoria:

Que força move os povos? Os historiadores de biografias particulares e os historiadores de povos tomados isoladamente entendem essa força como um poder imanente aos heróis e aos chefes. Segundo suas descrições, os acontecimentos se produzem exclusivamente pela vontade de Napoleões, de Alexandre ou das pessoas em geral que o historiador particular descreve. As respostas dadas por historiadores desse tipo à pergunta a respeito da força que move os acontecimentos são satisfatórias, mas só na condição de que exista um só historiador para cada acontecimento. Porém, assim que historiadores de nacionalidades e pontos de vista diferentes começam a descrever os mesmos acontecimentos, as respostas dadas por eles imediatamente perdem todo o sentido, pois cada um entende essa força não só de maneira diferente, como muitas vezes de forma totalmente contrária.

Entre as muitas adaptações cinematográficas do romance, lembre-se o filme do diretor King Vidor, lançado em 1965, com Audrey Hepburn (Natasha), Henry Fonda (Pierre), Mel Ferrer (Andrei Bolkónski) e Vittorio Gassman (Anatole). A música é de Nino Rota, famoso pelas trilhas sonoras para Fellini. Entre 1966 e 1967, lançaram-se as quatro partes da superprodução soviética, com quase sete horas de duração, dirigida por Sergey Bondarchuk, Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, em 1968. No elenco, Ludmila Savelyeva (Natasha), o próprio diretor Bondarchuk

(Pierre) e Vyacheslav Tikhonov (Andrei Bolkónski). Milhares de figurantes atuam nas cenas de batalhas, na reconstituição do grande incêndio de Moscou e nas luxuosas festas em que bailava a aristocracia russa.

O romance, monumento portentoso como a Catedral de Colônia, dá-nos a certeza de que representa um marco existencial, um divisor de águas: é-se um antes da leitura, e outro, muito diferente, quando se chega ao fim. Sobre quem o escreveu, afirmou Stefan Zweig, oficial do mesmo ofício:

Cada obra de arte só atinge o degrau máximo quando esquecemos que foi gerada artificialmente, percebendo sua existência como realidade. Em Tolstói, essa sublime ilusão muitas vezes é perfeita. Nunca ousamos supor que essas narrativas e seus personagens foram inventados, tão sensorialmente verdadeiros se aproximam de nós. Lendo

Tolstói, temos a impressão de não fazer outra coisa senão olhar para o mundo real através de uma janela aberta.

A obras-primas como a *Odisseia*, *A Divina Comédia*, *Hamlet* e *Dom Quixote*, some-se, pois, *Guerra e Paz*. Viver sem haver lido o épico de Tolstói é dívida que só se pague, talvez, em outra encarnação, para os que nela creem. Ou no paraíso sonhado por Jorge Luis Borges, com todos os livros que se escreveram na terra. Imagino a pergunta de um recém-chegado ao Arcanjo bibliotecário, sob as vistas do coadjutor Anchieta, que leu tudo e sabe os títulos de cor:

— O senhor tem *Guerra e Paz*?

— Tenho, sim, milhões de exemplares, todos emprestados. Seu número na lista de espera será 988.312, mas não se preocupe. Estamos na eternidade, e o que não falta aqui é tempo para ler...

PÁSSAROS DO CERRADO

Mauro de Albuquerque Madeira

★29.9.1939

†18.1.2025

OS PERIQUITOS DO quintal grunhem, gritam, gorjeiam, chilreiam, conversam de bicos aduncos, fortes, para roer coquinhos da gabirola e voar para o ipê, onde também cortam a base da flor amarela para sugar o néctar, em competição com o beija-flor verde-musgo, que esvoaça rápido entre árvores e flores, paira no hibisco vermelho e raramente visita a varanda. O periquito não, é hóspede do telhado, gosta da sombra fresca das vigas e traves que sustentam o dorso ondulado da telha; lá se pendura de cabeça para baixo, olhinho preto e redondo atento, todo verde, com as bordas amarelas das asas prontas para voar, alternando quietude e rapidez, ao menor bulício ou chamado da companhia. Às duas ou três da tarde, hora de sono e sesta pra nós, ele está ativo e lampeiro, da sombra da varanda para o sol do espaço entre árvores. Os bem-te-vis também não cochilam nesse horário, preferem dar voos rantes na piscina, para banhar a barriga ou pescar formiga ou mosquito na superfície líquida. As rolinhas e os joões-de-barro costumam ciscar pelo gramado seco ou verde, à procura de insetos, grãos, gravetos, passeando seu dorso castanho ágil e familiarmente, sem a desconfiança arisca do periquito. Os sanhaços se esbatem na vidraça, entre o mamoeiro e a casa, acinzentados, iludidos pelos reflexos

das folhas e galhos. Pena que por aqui pouco aparecem canários, devem recusar a secura do cerrado. Em compensação, os sabiás cantam lindamente nas mangueiras do fundo do quintal e passeiam seus corpos de sépia e chocolate por entre galhos e frutos. Gostam de graviola, goiaba, manga, jabuticaba. Outros passarinhos trinam ao longe. Há os pequenos, talvez garrinchas, gaturamos, andorinhas. As corujas, de lindos olhos amarelos e pretos, presidem pensativas os muros e cercas, vigiam seus filhotes nos ninhos do chão, crociam para afastar o transeunte, possível inimigo, e, à noite, esvoaçam, caçam bichos, ratos e emitem sons guturais pouco amigáveis. A juriti ruma som surdo ao longe e pouco se deixa ver. Por vezes, nos descampados ou no alto de eucaliptos, carcarás mostram bicos e garras de predador. Os quero-quero-queros passeiam elegantes e pernaltas pelos terrenos baldios, enquanto os anuns pretos, bicos grossos e feios, voejam em grupo pelo matagal à cata de insetos. A asa-branca costuma voar em grupo de três ou quatro, muito rápida nos voos longos, da mangueira para os ciprestes ou eucaliptos. É comum vê-la de tardezinha, buliçosa no alto de árvores, preparando-se para dormir. No lado, as garças com calma procuram peixes, brancas, delgadas, elegantes, pensativas.